

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação



1290002577



FE

TCC/UNICAMP B234c

Amanda Bonome Barbutti

As Concepções de Linguagem na Fala dos Professores

2005.20830

Campinas / 2005

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

© by Amanda Bonome Barbutti, 2005.

UNIDADE:	F.E
Nº CHAMADA:	2234c
V:	EX:
TOMBO:	2577
PROC:	86/2005
C:	D: x
PREÇO:	20,1100
DATA:	20/07/05
Nº CPD:	Bhid 2049 RB

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Barbutti, Amanda Bonome.
B234c As concepções de linguagem na fala dos professores /c Amanda Bonome Barbutti. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Ana Luiza Bustamante Smolka.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação. 2. Prática docente. 3. Ensino. 4. Linguagem. 5.
Professores - Formação. I. Smolka, Ana Luiza Bustamante. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-151
RP/FE

Amanda Bonome Barbutti

As concepções de linguagem na fala dos professores

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência parcial para a
conclusão do curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação na Universidade
Estadual de Campinas
sob orientação da Prof^a Dr^a Ana Luiza
Bustamante Smolka**

Campinas/2005

UNICAMP - F.E. - BIBLIOTECA

Banca Examinadora

Profª Drª Ana Luiza Bustamante Smolka
(Orientadora)

Profª Drª Ana Lúcia Horta Nogueira
(Segunda leitora)

Dedico este trabalho a minha mãe que muito me apoio e incentivou para que tudo fosse realizado com sucesso e a meu pai (in memoriam) por ter acompanhado o início desta trajetória sempre demonstrando muito orgulho de mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar coloco Deus que esta acima de todas as coisas

Agradeço a Professora Ana Luiza B. Smolka por ter tido tanta paciência, ter compartilhado comigo seus conhecimentos e também ter me acolhido no meio das incertezas.

Agradeço o carinho e a atenção que recebi da Professora Ana Lúcia Horta Nogueira que me acolheu no momento de desespero e sempre estava disposta a ajudar.

Agradeço a minha amiga Flávia por ter achado os livros que eu nunca conseguia na Biblioteca.

Agradeço a minha irmã Andiará que sempre me ajudava nas formatações deste trabalho e me incentivava sempre.

Agradeço a minha mãe que sempre me lembrava de que eu tinha que fazer o TCC e me dava apoio.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
BIBLIOTECA

“A linguagem - a fala humana – é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores.

A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos.

A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela o seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana.

Mas é também o recurso último e indispensável do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta com a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador.

Antes mesmo do primeiro despertar de nossa consciência, as palavras já ressoavam à nossa volta, prontas para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através da vida, desde as mais humildes ocupações da vida quotidiana aos momentos mais sublimes e mais íntimos dos quais a vida de todos os dias retira, graças às lembranças encarnadas pela linguagem, força e calor.

A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ele é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pais para filho.

Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade”.

(Louis Hjelmslev)

SUMÁRIO

<u>1. SOBRE CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM.....</u>	<u>1</u>
<u>2. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....</u>	<u>8</u>
<u>3. A LINGUAGEM E A ESCOLA.....</u>	<u>11</u>
<u>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</u>	<u>14</u>
<u>O INSTRUMENTO UTILIZADO:</u>	<u>15</u>
<u>POPULAÇÃO ESTUDADA E OS DADOS COLETADOS:</u>	<u>17</u>
<u>PARTICULARIDADES DO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO:</u>	<u>24</u>
<u>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</u>	<u>25</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>30</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	<u>32</u>

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo apresentar as concepções de linguagem reveladas pela fala dos professores em exercício e a relação destas na sua prática pedagógica. Buscou-se relacionar com a formação de professores e a linguagem na escola.

Como questão prévia indagou-se como uma concepção de linguagem pode informar uma determinada prática escolar?

Para responder a esta questão iniciou-se o trabalho discorrendo sobre as várias concepções de linguagem e problematizando o conhecimento dos professores sobre linguagem e a sua relação com a prática pedagógica.

Uma das possibilidades para ouvirmos os professores e responder a questão levantada foi a aplicação de um questionário aos professores que estão em exercício e freqüentam o curso PEFOPLEX da Universidade Estadual de Campinas no período noturno nas turmas de terceiro e sétimo semestre

A partir da sistematização e da análise dos dados coletados, organizou-se as falas dos professores em categorias e entrelaçou-se com as teorias de linguagem encontradas atualmente comentando-as com sua prática. Todas as respostas foram colocadas em tabelas.

As análises gerais das falas das professoras indicaram uma preocupação com a linguagem, o 7º semestre sobretudo demonstrou um conhecimento de teorias e conceitos, no 3º semestre aparecem alguns conceitos e algumas referências a autores da área. No geral as concepções são marcadas pelo senso comum e demonstram pouca relação com a prática.

1. SOBRE CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

A linguagem não foi pensada da mesma forma ao longo da história, muito já se falou e discutiu sobre este conceito e suas implicações nos sujeitos.

A linguagem é um polêmico objeto de estudo das variadas áreas científicas como psicologia, antropologia, lingüística, pedagogia, entre outras.

Geraldi (1996) diz que com a linguagem não só representamos o real e produzimos sentidos, mas representamos a própria linguagem, o que permite compreender que não se domina uma língua pela incorporação de um conjunto de regras...”.

Segundo Kramer (1993) “A linguagem é produção humana acontecida na história; produção que - construída nas interações sociais, nos diálogos vivos - permite pensar as demais ações e a si própria, constituindo a consciência”.

Pensando assim na minha formação como Fonoaudióloga e Pedagoga via as questões da linguagem sobre dois focos com ênfase em conceitos diferenciados. Na Fonoaudiologia a linguagem é vista com maior destaque numa abordagem patológica, que possui tratamento, que depende de terapia, a fala da criança é tratada como evidência empírica de conhecimento.

A linguagem está mais vinculada com o desenvolvimento humano, como aquisição de um conhecimento sobre a língua quanto o pressuposto de que esse conhecimento adquirido implica em desenvolvimento.

Na Pedagogia que é o campo do conhecimento que se ocupa do ato educativo que se realiza na sociedade tem se referido a formas privilegiadas de falar e por isso tem se enfatizado que a criança precisa saber que há várias formas de falar e que deve adequar a sua fala a cada contexto social. Ressalta-se os aspectos que interferem nos sujeitos, uma visão de que a linguagem é um elemento essencial em nosso trabalho. A linguagem envolve um contexto e um relacionamento social, é a linguagem que, com o poder simbólico das palavras e a sua possibilidade de comunicação, que viabiliza a compreensão, a

transmissão, o conhecimento e o aperfeiçoamento das coisas e eventos permitindo ao homem tanto o seu aprendizado como a sua transformação.

Convivendo então, com situações diferentes e sempre se deparando com problemas de linguagem surgia uma grande dúvida: Porque tantas crianças com dificuldade de linguagem, eram encaminhadas para setores fora da escola? ; Como os professores lidavam com as questões da linguagem? ; Como pensam a relação criança, linguagem, escola e ensino. Comecei a perceber a partir dos estágios realizados e com experiências vivenciadas que o professor não encarava as questões de linguagem como uma competência sua, não tinha em seu trabalho uma concepção de linguagem inserida, ou pelo menos não a reconhecia conscientemente.

Muitos dos problemas encontrados na escola a respeito de linguagem são solucionados por meio de encaminhamentos para setores externos ou as crianças passam a ser vistas como disléxicas, não conseguem acompanhar a classe, não são inteligentes, tumultuam o andamento escolar dos outros alunos, com rótulos e estereótipos.

Presenciando essas diferenças comecei a perceber o quanto é importante que se tenha uma concepção de linguagem para desenvolver um trabalho pedagógico melhor sabendo lidar com as diferentes situações e sabendo tomar as decisões mais adequadas.

Como questão prévia comecei a indagar como uma determinada concepção de linguagem pode informar uma determinada prática escolar? Existe relação linguagem, criança e escola? O professor está preparado para lidar com isso?

Na literatura Kato (1995) in Fernandes (s/d) diz que o professor e suas atitudes e concepções são decisivos, no processo de aprendizagem, para se configurar o tipo de intervenção neste processo.

Ainda segundo estudos de Fernandes (s/d) nem sempre o professor está consciente da teoria lingüística ou do método que embasa seu trabalho,... Se tornando uma questão alarmante, pois não há ensino satisfatório sem o conhecimento profundo da concepção de linguagem.

Buscando nas teorias, Vygotsky (1989) afirma que o que diferencia a linguagem dos outros instrumentos é o processo de produção de signos e sentidos que a constitui, a partir do movimento dialético de produção / produto, quer dizer, é a própria produção da linguagem, enquanto trabalho material, simbólico e significativo, enquanto atividade prática e cognitiva, que a distingue dos demais instrumentos e instaura, na mesma, uma dimensão histórica e cultural (Smolka, 1995).

Existem várias concepções de linguagem que permeiam vários campos de estudo com algumas diferenças e/ou semelhanças entre elas.

A linguagem já foi ou ainda é vista como uma capacidade natural da espécie humana, uma ação humana, código ou sistema de signos, uma faculdade, expressão de sensações e/ou sentimentos, tem múltiplas funções e usos, generalização, interação, produção social, trabalho simbólico entre outros.

Na história, em breve resumo, até o século XVII a explicação da linguagem era puramente filosófica; A partir do século XIX a explicação tornou-se com base histórica; Na passagem deste século para o século XX a linguagem é um dado empírico, um fato social. No século XX, se destaca o modo de compreender linguagem nas diferentes culturas, com princípios que sustenta a universalidade, as discussões ocorriam em cima da seguinte questão: O que é Inato e o que é adquirido. Numa abordagem dialética de linguagem, o homem é considerado como um ser ativo e dinâmico na construção da realidade histórico-social.

Apesar das ações da linguagem tenderem a limitar e estabilizar as formas de raciocínio e as formas de compreensão do mundo, as ações sobre a linguagem e com a linguagem possibilitam e promovem a superação destes limites. A estabilidade e a mudança são, então, tensões inerentes à constituição da linguagem. (Geraldi, 1995 in Grotta, 2000)

Grotta, (2000) ainda afirma: a linguagem é um produto sócio-histórico que, como ser inacabado, vai se constituindo nos espaços de interação verbal. Desta maneira, a consciência do sujeito e seu conhecimento do mundo são produtos da interação social, onde a linguagem coloca-se como fundamental no papel de mediação.

O conhecimento acerca das concepções de linguagem tem relação direta com a prática de ensino, cuja afirmação é confirmada segundo Geraldi (1996) "que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política com os mecanismos utilizados em sala de aula. Por sua vez, a opção política envolve uma teoria de compreensão da realidade, aí incluída uma concepção de linguagem que dá resposta ao para que ensinamos e o que ensinamos".

Ter uma concepção de linguagem não significa que o professor esteja desinteressado de tudo que acontece, que despreze as teorias de outros e que tenha uma postura irredutível diante das situações, mas esta concepção interfere nos processos de ensino/aprendizagem, determinando o que, como e para que se ensina, mesmo que esta concepção esteja embutida de forma inconsciente.

Travaglia (1997) in Fernandes (s/d) destaca que a concepção de linguagem e a de língua altera e muito o modo de estruturar o trabalho com a língua em termos de ensino e considera essa questão tão importante quanto a postura que se tem em relação à educação. Nessa perspectiva é fundamental então conhecer os modos de se conceber a linguagem, de maneira que esse conhecimento possa repercutir inclusive no trabalho do professor como fonte para reflexão e apoio para uma tomada de decisão à respeito da importância do desenvolvimento da linguagem, e se posicionar quanto a concepção que julga ser conveniente para sua prática. Segundo os estudos de Geraldi (1993), as concepções de linguagem podem ser divididas em três categorias:

A primeira concepção encara a Linguagem como expressão do Pensamento, a segunda concepção vê a Linguagem como instrumento de comunicação e na terceira a Linguagem é uma forma ou um processo de interação.

1) Na primeira concepção, a linguagem é vista como expressão do pensamento, a comunicação só se dá a partir do momento em que emissor e receptor conhecem e dominam o código, que é utilizado de maneira pré-estabelecida e convencionada. A preocupação é com a organização lógica do pensamento, o que presume a necessidade de regras do bem falar e do bem escrever.

Nesta tendência, observa-se a relação psíquica entre linguagem e pensamento caracterizando a linguagem como algo individual, centrada na capacidade mental do indivíduo.

2) Na segunda concepção a linguagem é instrumento de comunicação, a língua é encarada como um código, um conjunto de signos organizado por meio de regras que permite a transmissão de uma mensagem entre um emissor e um receptor. Essa concepção de linguagem vê, no trabalho com as estruturas lingüísticas, separadas do homem no seu contexto social - a possibilidade de desenvolver a expressão oral e escrita. Contudo a comunicação só acontece quando ambos dominam o mesmo código que é utilizado de maneira pré-estabelecida e convencionado. Nesta abordagem a ênfase é na forma, no aspecto material da língua, e são as relações que constituem o seu sistema em detrimento do conteúdo, da significação e dos elementos extralingüísticos.

3) Na última e terceira visão, a linguagem é uma forma ou um processo de interação, aqui a língua não somente tem função de traduzir ou transmitir uma mensagem mas sim de intervir sobre os falantes, ouvintes ou leitores. Ao contrário das anteriores nesta concepção a linguagem é situada como um lugar de interação humana, como um lugar de constituição de relações sociais. Coloca no centro das reflexões o sujeito da linguagem, as condições de produção do discurso, o social, a intenção, a historicidade da linguagem, entre outros.

Mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica ação que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam antes da fala (Geraldi, 1984)

Aqui, segundo Geraldi (1993) o ser professor é ser do aluno um interlocutor ou mediador entre objeto de estudos e a aprendizagem que se vai concretizando nas atividades de sala de aula. Tanto o professor como o aluno são sujeitos que estudam e aprendem juntos.

Mais do que ver a linguagem como uma capacidade humana de construir sistemas simbólicos concebe-se a linguagem como uma atividade constitutiva, cujo lócus de realização é a interação verbal. (Geraldi, 1996)

Ainda nesta abordagem a linguagem é encarada como produção humana construída coletiva e historicamente, que se manifesta de diferentes formas, participando de todas as esferas da vida do homem. Constituinte do sujeito, a linguagem forma o pensamento e a consciência, permitindo também as interações com o mundo e com os outros, além de pensar sobre si própria.

A linguagem se faz, pois pela interação comunicativa mediada pela produção de efeitos de sentido entre os interlocutores, em uma dada situação e em um contexto sócio-histórico e ideológico, sendo que os interlocutores são sujeitos que ocupam lugares sociais. (Fernandes, s/d)

Nesse enfoque, a concepção interacionista da linguagem contrapõe-se às visões conservadoras da língua, a linguagem é entendida, então, como um dos aspectos das diferentes relações que se estabelecem historicamente em nível sócio-cultural, caracterizando-se por sua ação social.

Assim tendo conhecimento e sendo consciente das concepções de linguagem o professor sabendo reconhecer que sua concepção interfere em sua prática pedagógica, configura o processo de ensino / aprendizagem e o que cada uma interfere neste processo poderá desenvolver um trabalho pedagógico diferenciado. A atuação do professor é um elemento importante na formação do quadro de aprendizagem dos alunos.

Mello et. al (1996) vêem a linguagem como um processo de constituição dos sujeitos, onde se cria e organiza as experiências. Assumir a noção de constitutividade do sujeito pela linguagem, significa assumir que não se trata, pois de explicar um externo ou um interno na relação dos sujeitos com a linguagem, mas admitir que ambos se constituem à medida que interagem. Uma constituição que se dá pela internalização (Vygotsky, 1991 in Mello et al, 1996) dos signos que circulam nessas interações.

O professor tem um importante papel tanto na construção do conhecimento quanto na formação de atitudes e valores nos sujeitos. Assim sendo é importante uma formação continuada com questionamentos da própria prática e o exercício constante de reflexão e o compartilhamento de idéias, sentimentos e ações entre os profissionais.

Acredita-se que essas questões são cruciais quando se trata da aprendizagem institucionalizada posto que elas implicam diretamente no modo com que é trabalhado o saber escolar.

Não só a linguagem se constitui pelo trabalho dos sujeitos; também estes se constituem pelo trabalho lingüístico, participando de processos interacionais. (Geraldi 1996).

2. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ao longo da nossa própria história de formação profissional, interrogamos sobre o compromisso dos cursos Licenciatura com a formação de professores e as relações existentes entre a formação inicial e a construção das práticas pedagógicas

A observação e a reflexão do cotidiano têm revelado dilemas tanto da prática formadora, quanto da relação dessa formação com a prática pedagógica de professores. As situações, vivenciadas durante a formação, revelam que, embora este processo busque sustentar uma prática pedagógica, na qual o professor seja capaz de compreender, refletir e analisar as realidades escolares, oferecendo instrumental para a mudança, os professores expressam dificuldades em estabelecer relações entre as teorias aprendidas e a prática pedagógica. Manifestando também que a formação acadêmica não as vê, com raras exceções, como sujeitos que já possuem saberes e experiências. (Souza, s/d)

Freqüentemente o professor é apontado como responsável pela má qualidade do ensino. No entanto no percurso da história da educação, raras foram as oportunidades dadas aos professores para que se manifestassem sobre suas práticas pedagógicas. Ações institucionais, planos educacionais entre outros são introduzidos no universo escolar.

Durante muito tempo a educação norteou-se pelo paradigma taylorista, baseado na racionalidade técnica, que concebe o exercício profissional como uma atividade meramente instrumental voltada para a solução de problemas por meio de aplicação de técnicas, teorias e métodos. O modelo de formação profissional fundado na racionalidade técnica pressupõe a superioridade do conhecimento teórico sobre os saberes práticos. (Almeida, 2001)

Nas duas últimas décadas o modelo educacional fundado na racionalidade técnica vem sendo fortemente refutado pois este modelo sempre procura enquadrar a realidade às teorias, técnicas e métodos.

Assim para contrapor e modificar este modelo vários autores propõem o modelo da racionalidade prática, que reconhece a existência de um conhecimento espontâneo,

intuitivo, experimental e cotidiano. O que estes autores propõem é que os professores deixem de ser um técnico para tornar-se um investigador.

Essa investigação trata-se de uma reflexão crítica que possibilita o professor integrar conhecimentos teóricos e práticos superando assim uma relação linear entre teoria e prática. (Almeida, 2001)

Desta maneira entende-se que a formação do professor não ocorre em momentos distintos, mas no diálogo da prática com a teoria sempre aperfeiçoando seus conhecimentos.

Mais recentemente, nos anos 90, a literatura sobre formação do professor “reflexivo” deslocou-se de uma perspectiva centrada quase que exclusivamente nos aspectos metodológicos e curriculares para uma perspectiva que leva em consideração todo o contexto escolar em suas relações com a sociedade como um todo.

Ao invés de centralizar na sala de aula, passou a entender que as instituições escolares produzem uma cultura interna própria passando o foco para uma perspectiva mais complexa e abrangente levando-se em conta também dimensões cultural, política e social que envolve o fenômeno educativo.

Além de refletir sobre sua prática o professor deve considerar e analisar as condições de produção de seu trabalho que envolve concepções de linguagem, contexto social, político, cultural e econômico que interferem na sua prática pedagógica.

Assim em consonância com os mais recentes estudos sobre formação de professores apontam a pesquisa sobre a prática pedagógica e uma atividade investigativa como fator fundamental para o desenvolvimento profissional.

Estará privilegiada, portanto, a investigação da articulação (ou não) entre os saberes construídos no cotidiano das práticas pedagógicas de professores com a formação docente.

Geraldi (1996) complementa afirmando que professores, leitores na formação de outros leitores e autores, articulem ao cotidiano de trabalho a construção de uma compreensão de nós mesmos e de nossa sociedade, forjando os caminhos de uma mudança, porque, como ensina Paulo Freire (1993), a tarefa do ensinante:

“É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto essencial de querer bem não só aos outros mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem esta coragem de querer bem, sem valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência.”

O respeito à forma de o aluno se expressar e o incentivo para que o aluno cresça enquanto um cidadão crítico muitas vezes passam despercebidos pelo professor, que se comporta como um mero transmissor de conhecimento, vendo o aluno com aquela antiga noção de tabula rasa, que tudo aceita e em quem tudo pode ser moldado, conforme a vontade do professor.

A formação do professor não só passa por uma processo de crescimento pessoal e aperfeiçoamento profissional mas também pela transformação da cultura escolar, que inclui a implementação e consolidação de novas práticas participativas e de gestão democrática.

A Educação e a formação têm papel central na história, já que a volta ao passado não é feita para conhecê-lo, mas para, servindo-se dele, colocar o presente numa situação crítica. (Konder, 1988 in Kramer 2001). É possível e preciso mudar o passado, resignificando-o na linguagem que o presentifica; que ajudam a bem dimensionar o valor que atribuímos à formação. (Kramer, 2001).

3. A LINGUAGEM E A ESCOLA

A escola é o lugar, por excelência, onde o processo intencional de ensino-aprendizagem ocorre: ela é a instituição criada pela sociedade letrada para transmitir determinados conhecimentos e formas de ação no mundo; sua finalidade envolve por definição, processos de intervenção que conduzam à aprendizagem. (Oliveira, 2002).

A escola é um dos lugares socialmente instituídos para a criança se inserir no ambiente cultural, para que se relacione com o outro e com o conhecimento. É parte de uma dinâmica, onde o sujeito organiza e interpreta suas relações com o mundo interno e externo.

O conflito entre a linguagem em uma escola fundamentalmente a serviço das classes privilegiadas, cujos padrões lingüísticos usa e quer ver usados, e a linguagem das camadas populares, que essa escola censura e estigmatiza, é uma das principais causas do fracasso dos alunos pertencentes a essas camadas, na aquisição do saber escolar. (Soares 1993).

A escola muitas vezes exige dos alunos que cheguem a ela com algo que ela mesmo não se propõe a dar, fazendo com que as diferenças, marginalizações e discriminação entre as estruturas sociais fiquem acentuadas.

A comunicação pedagógica é, como toda e qualquer situação de comunicação, uma relação de força simbólica, determinada pela estrutura do grupo social em que ocorre. Nesse grupo, há alguém – o professor, que para isso recebe delegação do sistema de ensino – que tem o poder de decidir as mensagens que merecem ser transmitidas, e o direito de impor a recepção dessas mensagens; isso se faz através do uso da linguagem "legítima", que é a principal marca explícita da autoridade pedagógica do professor. A comunicação pedagógica torna-se assim uma ação de inculcação da cultura "legítima", ou do *capital cultural*, e, simultaneamente, de imposição, de forma indireta, da linguagem "legítima", ou do *capital lingüístico*. A escola oferece a capacidade de identificar, reconhecer certa linguagem como "legítima"; o que ela não dá é o conhecimento dessa linguagem, que significa neste contexto como a capacidade de produção e de consumo da linguagem, "legítima". (Soares 1993).

A comunicação pedagógica envolve atividades que, em geral, caracterizam-se muito mais pelo reconhecimento da linguagem legítima do que seu conhecimento. O ensino da língua caracteriza-se pelo estudo da gramática da língua legítima, leitura de textos sempre escritos em língua *legítima*, correção da linguagem oral e escrita dos alunos conforme os padrões da língua legítima. Conseqüentemente, para os alunos das classes dominantes, o ensino constitui além de uma didática do reconhecimento que já possuem da língua legítima, um aperfeiçoamento da capacidade de produção e de consumo do conhecimento. Todavia, para os alunos pertencentes às camadas populares, a escola possibilita, em geral, apenas o reconhecimento que existe uma maneira de falar e escrever considerada *legítima* e que é diferente daquela que conhecem e dominam. Tal reconhecimento se inscreve, para Bourdieu (1998), “em estado prático nas disposições insensivelmente inculcadas pelas sanções do mercado lingüístico [...]”. Com efeito, a escola não leva esses alunos a conhecer essa outra maneira, isto é, não os leva a produzi-la e consumi-la eficientemente, aumentando, assim, a distância entre a linguagem das classes populares e o capital lingüisticamente social e escolarmente *rentável*. Segundo Bourdieu (1998), “[...] os mecanismos sociais da transmissão tendem a garantir a reprodução da defasagem estrutural entre distribuição (bastante desigual) do *conhecimento* desta língua legítima e a distribuição (muito mais uniforme) do *reconhecimento* desta língua [...]”.

A escola, local para aprendizagem formal, é portadora de sujeitos que usam linguagens próprias, buscando uma comunicação eficiente, já que tanto a linguagem como a aprendizagem, são processos sociais. Entretanto, embora a linguagem tenha esse caráter social, é nesta mesma escola, principalmente no contexto da ação pedagógica, que este processo acaba deixando de ser harmonioso, e acentuam-se diversas diferenças: culturais, sociais, cognitivas e, dentro destas as lingüísticas.

Professores e alunos diferem nas suas formas de falar e entender sentidos e significados. O que parece simples para os professores, pois possuem o conhecimento acerca do objeto, torna-se extremamente complicado para os alunos, que estão na escola para tomarem posse e produzirem novos conhecimentos; ratificar hipóteses e retificar outras. Isto

caracteriza, por vezes, uma falta de sintonia comunicativa entre os sujeitos da ação pedagógica.

É importante ressaltar que o caráter dialógico da linguagem é fundamental na constituição do sujeito. Mas trabalhar com linguagem, leitura e escrita pode ensinar a utopia. Pode favorecer a ação numa perspectiva humanizadora, que convida à reflexão, a pensar sobre o sentido da vida individual e coletiva. (Kramer, 2001).

O professor, dono da palavra, acaba demarcando o espaço discursivo e com isso acaba excluindo a participação do aluno passando-se de uma dimensão dialógica para uma dimensão monológica, dificultando o entendimento de termos e conteúdos herméticos e técnicos trabalhados neste processo. Vale ressaltar aqui, que este discurso monológico diz respeito ao fato do professor ter para si a maioria ou grande parte da fala, durante as aulas, Buarque (1994) diz que houve um privilegiamento perverso e que a linguagem hermética usada exageradamente dificulta o entendimento, coloca um interlocutor num pedestal, protegendo-o das críticas, dando-lhe o monopólio do conhecimento e todos os privilégios daí decorrentes.

Para tanto buscamos o que os professores pensam acerca das concepções de linguagem e como as problematiza relacionando as com a prática na sala de aula. É de se esperar que o professor, ao compreender a linguagem como interação social, amplie o (re)conhecimento do outro e de si próprio, e trabalhando, cada vez mais, no sentido de uma compreensão de parte a parte.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O processo de ensino aprendizagem tem sido uma questão bastante discutida pelos educadores nas últimas décadas. Conhecer e interpretar a realidade das atividades em torno da linguagem em sala de aula pode ser um caminho para implantar reflexões e contribuir com subsídios no desenvolvimento da prática pedagógica.

O levantamento dos dados deste estudo foi iniciado no primeiro semestre de 2005, sendo que muitas maneiras foram pensadas para se conhecer como o professor em atividade, conhece e vê as questões de linguagem nos dias de hoje.

Pensou-se em professores que estivessem em pleno exercício da profissão, sem faixa etária definida e que trabalhassem em escolas públicas e / ou particulares.

A turma escolhida e que se enquadra dentro do que se foi pensado é a do Programa Especial de Formação de Professores em Exercício – Pedagogia (PEFOPEX), que atende a professores em efetivo exercício nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental e da Educação Infantil. Estes alunos só são aceitos para o curso superior de Pedagogia mediante comprovação por meio de contracheque atualizado ou carteira profissional com registro em vigor ou portarias de admissão, sendo também exigido o certificado de conclusão do Ensino médio com habilitação em Magistério. A duração do curso é de oito semestres, com licenciatura plena, desenvolvida no período noturno com aulas presenciais diárias. Não é uma exigência ser professor de escola pública.

Como as alunas do curso provem de várias cidades da região de Campinas e em sua maioria trabalham em período integral, o jeito encontrado para podermos ouvir os professores, tendo um material escrito, ocupar um período menor de tempo e abranger o maior número de pessoas foi à aplicação de um questionário, durante o período regular de aula, que tinha por finalidade conhecer como o professor, em suas atividades diárias, vê a linguagem inserida problematizando com a sua prática enfatizando a relação criança, linguagem e ensino.

O INSTRUMENTO UTILIZADO:

Segundo Parasuraman (1991) um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Embora o mesmo autor afirme que nem todos os projetos de pesquisa utilizam essa forma de instrumento de coleta de dados, o questionário é muito importante na pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais.

Assim sendo, foram elaboradas questões que remetiam ao assunto em pauta, ou seja, questões relacionadas às concepções que os professores têm de linguagem e problemas de linguagem; e quais os conhecimentos que os mesmos indicam no enfrentamento de problemas por eles diagnosticados.

Foi entregue a cada uma a seguinte carta explicativa de apresentação:

Olá !!!

Sou aluna do curso de Pedagogia (4º ano – noturno) e estou realizando meu TCC (trabalho de conclusão de curso) neste semestre, gostaria de convidá-las a participar do meu projeto.

Estou pesquisando a Concepção de Linguagem na Fala do Professor pois é este profissional que vai atuar diretamente com as pessoas que apresentam problemas de linguagem e percebo que vocês são os menos ouvidos.

É sobre isso que quero escrever, estudar e mostrar a opinião do professor.

Por isso estou aqui pedindo a colaboração de vocês, para que eu possa, à partir dos depoimentos, contar as pessoas interessadas o que pensamos, nós, os professores, sobre o importante papel do profissional da educação.

Fiquem à vontade para responder às perguntas que desejam, porem gostaria de enfatizar que vocês respondam a partir de sua realidade e suas expectativas. Não é necessário que se identifiquem.

Obrigada pela atenção

Amanda B. Barbutti

Todas poderiam ficar com esta carta se julgasse necessário ou se quisessem.

Em folha separada foi entregue o questionário com as perguntas que seguem abaixo:

Sexo: F () M ()

Há quanto tempo você é professor? _____

Atua em escola: particular () pública () particular / pública ()

Qual a faixa etária que trabalha? _____

- 1) Como você vê as questões (ou problemas) de linguagem hoje?
- 2) O que você considera um problema de linguagem? Dê um exemplo?
- 3) Você encontra com frequência esses problemas na sala de aula? Como você lida com eles?
- 4) O que você conhece de teorias de linguagem? Como essas teorias repercutem na sua prática?

Logo abaixo das questões na mesma folha havia espaço para as respostas. Foi explicado que o verso da folha poderia ser utilizado e que se precisassem de mais folhas avulsas, estariam disponíveis.

No total foram distribuídos 51 questionários e foram respondidos 43.

Como foi anteriormente mencionado, as perguntas tinham por objetivo conhecer informações e conhecimentos que os professores tem em relação às concepções, problemas de linguagem em sua atividade diária dando exemplos práticos, que eles vivenciam no dia a dia e relacionam as implicações destas concepções com o processo de ensino.

POPULAÇÃO ESTUDADA E OS DADOS COLETADOS:

Primeiramente foi selecionada a turma do 3º semestre, com a intenção de saber o que os professores conhecem e fazem sobre a relação criança, linguagem e ensino.

Os questionários foram entregues para as alunas em uma aula de sexta feira, pois era esta a aula em que o professor permitiu minha entrada, por já me conhecer e já ter sido meus professor anteriormente. Foi explicado que não era necessário à identificação, não era obrigatório à participação na pesquisa e que teriam em média 40 minutos para responderem as questões, nada poderia ser entregue depois daquele momento, não era necessário levar nada para casa.

No 3º semestre estão matriculados quarenta e quatro alunos, sendo que três estão afastados por motivo de doença, resultando em 41 alunos que freqüentam regularmente o curso. Estavam presentes no dia da aplicação dos questionários 27 pessoas que em sua totalidade responderam os questionários entregues. Em sua integra eram do sexo feminino

Analisando as respostas dos questionários encontramos os dados seguintes:

Em relação à faixa etária em que trabalham entre as 27 professoras, 10 atuam na Educação Infantil e 17 no Ensino Fundamental.

A professora com maior tempo de trabalho é de 22 anos na profissão e a com menor tempo de atuação na área é de 2 anos.

No aspecto de classificação do tipo de escola: 7 trabalham em escola particular, 18 em escola pública e 2 em escola pública e particular.

As respostas das questões dissertativas foram colocadas em tabelas que seguem abaixo.

Como você vê as questões de linguagem, hoje? 3º semestre	
Presente em toda dimensão escolar	1
Preocupantes	1

Complicados	1
Vícios da família / fala infantilizada	4
Importantíssimos	1
Ligada a questão da escrita	1
Regionalismo	1
Analfabetismo Funcional	1
Fala incorreta	2
Vista de diferentes formas	1
Dificuldade para desenvolver o trabalho	1
Problema Social	2
Díficeis de serem corrigidas	1
Difícil de lidar	1

Você encontra com frequência este problema na sala de aula? 3º semestre	
Pouca Frequência	1
Frequente	16
Não	4
A cada 40 alunos 3 apresentam	1

Como você lida com eles? 3º semestre	
Exercícios para percepção dos sons	1
Leituras a respeito	1
Troca de idéias com colegas	1
Encaminhamentos	6

Se for de minha competência procuro resolver	1
Oriento os pais	1
Mostro a forma correta	3
Procuro teorias e profissionais	1
Converso com o aluno	1
Mostro outras formas de linguagem	2
Tomo posturas diferentes em relação a cada caso	1
Estímulo o pensamento	1
Proponho reescrita de histórias conhecidas	2
Atividade para elaboração de hipóteses	1

O que você conhece de teorias de linguagem? 3º semestre	
Jorge Iavorsa	1
Mediação entre sujeito e objeto	1
Não li nada sobre o assunto	1
Não tenho um bom embasamento teórico para desenvolver um bom trabalho	1
Muito pouco de conhecimento sobre	1
Conheço o básico	1
Conheço várias	1
Não conheço	10
Não respondeu	7

Como estas teorias repercutem na sua prática? 3º semestre	
Gostaria de saber mais	1
Utilizo de forma produtiva	1

Procuro aplicar de acordo com meus objetivos e atividades propostas	1
Favorece mediação entre sujeito e objeto	1
Embasa os fundamentos dos problemas	2
Facilitando a interpretação e a resolução	1
Não faço feio em sala de aula	1
Propor trabalhos com leitura	1
Teorias não têm boa repercussão na prática	1

Analisando as respostas percebemos que muito pouco foi falado em relação a autores e teóricos do assunto, as respostas foram bastante abreviadas e gerais denotando pouco contato com leituras. Muitas das questões que envolvem o assunto ainda estavam pouco comentadas.

Considerando que os alunos estavam no início do curso superior e ainda não possuíam grande bagagem teórica, apesar de já exercerem a profissão de professor decidimos também aplicar este questionário à turma do 7º semestre, do mesmo programa e no mesmo dia da semana para termos mais um dado qualitativo.

No 7º semestre, então foram aplicados os questionários em uma aula de sexta feira, estão regularmente matriculados quarenta alunos, estavam presentes no dia da realização da pesquisa vinte e quatro pessoas, porém somente dezesseis responderam o questionário, os oito faltantes foram devolvidos em branco e considerados para os dados da pesquisa como nulos.

A partir da leitura dos questionários obteve-se os seguintes dados:

Em relação ao tipo de escola em que atuam, são 10 professoras de escola pública, 4 de escola particular e 2 de escola publica e particular.

São 5 as professoras que atuam na Educação Infantil, 10 no Ensino Médio e 1 não respondeu.

Dentro deste grupo do 7º semestre a professora com maior tempo de atuação é de 35 anos e a com menor tempo de profissão é de 4 anos.

Em relação às questões dissertativas temos os seguintes quadros elaborados à partir das respostas coletadas:

Como você vê as questões de linguagem, hoje? 7º semestre	
Dificuldade de se expressar	1
Fato Fundamental para se viver nesta sociedade	1
Intrigante	1
Dificuldade de comunicação	3
Cultural, Histórico e Cultural	1
Não entende nem reflete sobre a fala	2
Dificuldade na Fala	1
Pouco diagnosticados	1
Problema de alfabetização	1

Você encontra com frequência este problema na sala de aula? 7º semestre	
Graves não com frequência	1
Frequente	6
Não	2
10% da sala	1

Como você lida com eles? 7º semestre	

Estímulo a leitura	1
Forneço outros tipos de linguagem como música, dança e dramatização	1
Dou assistência permanente	1
Encaminhamentos	3
Permitir que a criança escolha quando, e sobre o que irá falar	1
Fazer curso de LIBRAS	1

O que você conhece de teorias de linguagem? 7º semestre	
Piaget	4
Vygotsky	9
Luria	1
Técnicas de Freinet	1
Estruturalista e pós estruturalista	1
Wallon	1
Chomsky	4
Emilia Ferreiro	1
Roseli Fontana, Ana Luiza Smolka, Sérgio Leite,	1
Norma Ferreiro, Chartie, Certeau e Antônio Batista	1
Não conheço	1
Benveniste	1

Como estas teorias repercutem na sua prática? 7º semestre	
As teorias auxiliam na compreensão do processo de aquisição	1

Importância da mediação	1
Uso da linguagem como forma de comunicação	1
Reflexão sobre a prática diária	2
Não sei como repercutem na prática	1
A teoria não me ajudou em nada	1
Ser crítica	1

Neste segundo momento encontramos respostas que demonstram um maior contato com a literatura da área e maior exposição do que realização na prática diária porem muitos dos aspectos que embasam e fundamentam as questões das concepções de linguagem não foram apontados.

Fazendo um paralelo e analisando as duas turmas juntamente pudemos perceber que nas práticas diárias ambas encontram com freqüência os problemas de linguagem. Em relação a como lidar com eles as professoras que cursam o 3º semestre apresentam mais alternativas do que o 7º, trazendo idéias porem com muito pouco de embasamento teórico. Quando perguntamos o que elas conhecem sobre as teorias de linguagem no 3º semestre apareceram poucos nomes de autores já no 7º vários nomes foram citados. Contudo em ambas foi grande o número de respostas que negam conhecer sobre o assunto.

Em relação à repercussão na prática é constante na fala das professoras a questão de que como não conhecem as teorias desconhecem a repercussão na prática.

Abordando os dados dos questionários respondidos no total, entre as duas turmas, foram todos respondidos por mulheres, sendo que:

- 28 são professores se escola Pública
- 11 são professoras de escola Particular
- 4 trabalham em escola Pública e Particular.

A professora com maior tempo em exercício é de 35 anos na profissão e com menor tempo de trabalho é de 2 anos.

Contudo esses dados quantitativos serão analisados a luz das teorias que embasam as concepções de linguagem, na busca de se caracterizar a fala dos professores discutindo os resultados.

PARTICULARIDADES DO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO:

Em relação ao modo de aplicação do questionário percebi que durante a aplicação dos questionários as professoras demonstravam pouco interesse, procuravam responder rápido e demonstravam ter dúvidas a respeito do assunto fazendo questionamentos a respeito. Porém algumas se prontificaram a ajudar se identificaram e deram e-mail para esclarecimentos de dúvidas acerca do que tinham respondido.

Um dado relevante é que algumas professoras escreveram que poderiam dar maiores contribuições se houvesse interesse e que gostariam de saber mais sobre o assunto além de terem se identificado. Ninguém solicitou folha extra para a escrita das respostas. Foi explicado que o trabalho após seu término estaria disponível para consulta a todos os interessados na Biblioteca da Faculdade de Educação da Unicamp.

A partir desta análise poderemos estudar mostrando as várias concepções de linguagem e problematizar o conhecimento dos professores sobre linguagem e a prática pedagógica.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Entre as hipóteses do senso comum sobre o que é a linguagem e as línguas, podemos encontrar hoje a predominância de uma que considera a linguagem como instrumento de comunicação. Hipótese muito própria do mundo contemporâneo marcado, entre outras coisas, pela mídia. Esta hipótese acompanha duas outras, pelo menos: a de que dizer é, fundamentalmente, informar; e a de que a linguagem expressa nossos pensamentos (e sentimentos). São hipóteses tomadas, enganosamente, pelo senso comum como composito, em seu conjunto, uma concepção inquestionável do que é a linguagem. (Guimarães, 2001). O processo de ensino aprendizagem tem sido uma questão bastante discutida pelos educadores nos últimas décadas. Conhecer e interpretar a realidade das atividades em torno da linguagem em sala de aula pode ser um caminho para implantar reflexões e contribuir com subsídios no desenvolvimento da prática pedagógica.

Assim quando buscamos ouvir os professores em exercício, do PEFOPEX, esperávamos ouvir deles questões teóricas com embasamento em autores, esperávamos que as questões de linguagem fossem encaradas de forma bastante consciente sobre o fazer pedagógico. Que as teorias de linguagem fossem problematizadas com a prática. Queríamos investigar nas falas das professoras se o conhecimento acadêmico adquirido influenciava na prática.

Para o 3º semestre quando perguntamos como as professoras vêem as questões de linguagem hoje, encontramos respostas como:

“Dificuldade para desenvolver meu trabalho, principalmente por trabalhar com alfabetização”

“Preocupantes transformando-se em uma bola de neve com poucos ‘profissionais realmente capacitados para enfrentar tais problemas’”

“Importantíssimos, que nós educadores devemos estar atentos e auxiliar nas resoluções desses problemas”

“São aqueles que estão ligados ao analfabetismo funcional, gerados por problemas de formação de professores dentro da rede pública que vem a prejudicar a formação de uma geração inteira nesse país”

“As questões a respeito da linguagem sempre fizeram parte do campo pedagógico bem como seus problemas, dúvidas, teorias, hoje em dia ainda é possível e preciso superá-las e entendê-las para o melhor aprendizado”

Analisando estas afirmativas pudemos perceber que as professoras encaram a linguagem como um problema que muitas vezes acarretam outros, que influenciam no processo de ensino aprendizagem e que é preciso mudança neste quadro.

Ao perguntarmos o que consideram um problema de linguagem os exemplos de respostas são:

“Trocadas de letras e dificuldade para assimilar leitura e escrita”

“Não consegue se expressar claramente”

“Dificuldade de assimilação dos conteúdos”

“Quando a comunicação não é efetivada”

Quando perguntamos se encontravam com freqüência este tipo de problema e como lidam com ele, temos as respostas:

“Encontro com freqüência”

“A cada 40 alunos 3 apresentam problemas”

“Procuro conversar com o aluno”

“Procuro profissionais”

“Faço leituras a respeito e encaminho para profissionais específicos”

Estas respostas confirmam que é necessário um trabalho acerca dos problemas de linguagem já que são freqüentemente encontrados na escola.

Quando perguntamos o que elas conhecem sobre as teorias de linguagem e como estas repercutem na sua prática as respostas pouco corresponderam com o que esperávamos.

As colocações foram, quando não estavam em branco, assim::

“ Não conheço.”

“ Não sou informada do assunto”

“Ainda não estudei muito sobre”

Essa questão foi bastante confusa, pois foram citados nomes de professores da faculdade e correntes filosóficas.

Já para o 7º semestre quando perguntamos como as professoras vêem as questões de linguagem hoje, encontramos respostas como:

“Fato fundamental para se viver nesta sociedade”

“Toda dificuldade de o indivíduo se expressar”

“Vejo as questões de linguagem como um problema intrigante visto que inúmeros alunos chegam a quarta série sem total domínio tanto oral quanto escrito”

“ Um problema também cultural, histórico e educacional”

“ Como um problema de alfabetização”

Respostas que remetem a necessidade de se despendere maior atenção com as questões de linguagem.

Em contrapartida quando perguntamos o que elas conhecem sobre as teorias de linguagem e como estas repercutem na sua prática as respostas foram bastante abreviadas:

“ Conheço Benveniste”

“Vygotsky, Piaget, Freinet”

“As teorias em que acredito são as de Vygotsky e as técnicas de Freinet”

“Ajudam no processo de aquisição, na importância da mediação”

Quando perguntamos se encontravam com frequência este tipo de problema e como lidam com ele, temos as respostas:

“A primeira atitude é dar voz a essa criança e permitir que ela escolha sobre o que quer falar”

“Procura dar aos alunos uma assistência permanente”

“Encontro com frequência”

“Procuro sempre uma postura crítica”

No geral todos os exemplos de respostas indicavam maior contato com leituras, textos teóricos e autores do que as anteriores porém muito do senso comum foi encontrado. Esperávamos que as respostas fossem mais elaboradas, já que estavam em semestres mais avançados no nível superior de ensino.

Fazendo uma categorização geral das duas turmas acerca das concepções de linguagem e a luz dos estudos de Geraldi (1993) podemos caracterizar:

Para a turma do 3º semestre, analisando as respostas de todas as questões, a linguagem caracteriza-se também, por um instrumento que possibilita a comunicação, que expressa o pensamento, confirmadas pelos exemplos das respostas:

“ Não saber se expressar...”

“ melhor dizendo o falar correto”

“dificuldade de expressar-se claramente”

“ Relação do pensamento com que se quer expressar...”

No 7º semestre, a linguagem é um instrumento de comunicação. A comunicação só se dá quando ambos falante e ouvinte entendem o mesmo código.

Podemos encontrar na fala das próprias professoras:

“O uso da linguagem como forma de comunicação”

“O individuo tem que se expressar e se comunicar”

“Dificuldades em expressar-se”

“Dificulta a comunicação entre nós”

“A fala é incapaz de ser compreendida”

“O aluno não interpreta os fatos”

Torna-se explícita a caracterização da linguagem como um meio que permite a transmissão de informações.

Assim notou-se que as respostas, os questionamentos e as dúvidas de ambas as turmas mostram que as concepções de linguagem interferem no trabalho pedagógico do professor e que estas precisam ser mais bem trabalhadas e discutidas na formação dos mesmos.

As concepções de linguagem demonstram que o trabalho pedagógico não se realiza em função de um programa preestabelecido, ele se faz no cotidiano escolar, atendendo as reais necessidades dos alunos na produção de conhecimentos.

Quando as professoras iniciam o curso de graduação em Pedagogia demonstram desconhecer as teorias que dizem respeito às concepções de linguagem e quando terminam o curso fazem referência a autores e teorias porém este dado não necessariamente remete nítida mudança nas concepções, isto é, não muda os modos de conceber e analisar as situações fazendo surgir a indagação de como a formação no nível superior instrumentaliza de fato esses professores em exercício.

Contudo este modesto estudo mostra a necessidade de se avaliar e re-avaliar os meios e modos de formação de professores e seu real preparo para a prática diária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de uma linguagem possibilitou importantes descobertas ao longo do tempo e do espaço, propagando-as às sucessivas gerações e desse modo, servindo de ponto de partida a novas descobertas. Garantiu-se, portanto, pela comunicação, a continuidade e a expansão de experiências coletivas, desencadeando o primeiro processo educativo implantado pela linguagem.

A linguagem é um instrumento que deixa as suas contribuições, marca o processo educativo e guia a aprendizagem fazendo com que se tome determinadas atitudes e integre competências.

Assim a prática pedagógica deve garantir uma interlocução real entre os estudantes e os professores para que se amplie a forma de interação por meio da linguagem.

O professor tem o papel explícito de interferir no processo, diferentemente de situações informais nas quais a criança aprende por imersão em um ambiente cultural. Portanto, é papel do docente provocar avanços nos alunos e isso se torna baseado na sua concepção de linguagem.

Demonstrados neste estudo a fala dos professores revelam uma idéia das teorias de linguagem mas efetivamente não demonstram conhecimento sobre o assunto. Segundo o presente estudo deixam claro que enfrentam sim em seu cotidiano “problemas de linguagem” mas os modos como eles lidam com essas situações na prática não saem do tradicional, isto é, reiteram as formas vistas e aceitas reproduzindo ações e preconceitos sem conseguir transformar a prática.

É evidente que o conhecimento é importante e assume-se que faz diferença no cotidiano do professor na medida em que o instrumentaliza para interpretar as ações e os modos de dizer das crianças de maneira a possibilitar o desenvolvimento e a construção do conhecimento.

Quanto a formação no nível superior as professoras revelam aprender e ter contato com autores da área porém pouco sabem transpor isto para a atuação diária frente aos problemas de linguagem.

Nesse sentido, o importante no processo educacional é a formação da consciência que é de certa forma determinada pela natureza das relações que a engendra: trata-se das relações sociais com as quais cada sujeito realiza sua atividade coletiva, onde o trabalho ocupa lugar central. Vygotsky in Oliveira 1995, enfatiza que a relação ensino e aprendizagem é um fenômeno complexo, pois diversos fatores de ordem social, política e econômica interferem na dinâmica da sala de aula, isto porque a escola não é uma instituição independente, está inserida na trama do tecido social. Desse modo, as interações estabelecidas na escola revelam facetas do contexto mais amplo em que o ensino se insere.

Desta forma, as características de cada indivíduo vão sendo formadas a partir das variadas e constantes interações do indivíduo com o meio, compreendido como contexto físico e social, que inclui as dimensões interpessoais e culturais. Nesse processo dinâmico, ativo o indivíduo estabelece, desde o seu nascimento e durante toda a sua vida, trocas recíprocas com o meio, já que, ao mesmo tempo que internaliza as formas culturais, as transforma e intervém no universo que o cerca.

A escola é o lugar da ampliação da experiência humana, onde constrói-se conhecimentos, com o uso de diversas linguagens e da imaginação. "A compreensão do fracasso do ensino torna nítida a morosidade da transformação escolar, um processo sempre aquém das necessidades mais imediatas de nossos alunos. Na oscilação entre os avanços e os retrocessos, entre a ousadia e a resistência, ficam as sementes do saber e do fazer, sempre alimentadas pelas iniciativas, pelos esforços, pela reflexão e, certamente, pelos nossos sonhos". (Colello s/d).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, C.M.C – **A problemática de professores e o Mestrado em Educação da UNIUBE** – Revista Profissão docente (online), v.1,n.1, fevereiro. 2001.

BUARQUE in Katia Regina Koerich Fronzan - **A LINGUAGEM NA ESCOLA**: algumas considerações. Disponível em : <<http://www.mec.gov.br/semtec/Noticias/noticia213.shtm>> pesquisado em 10/03/05.

BOURDIEU, P. “**A Economia das Trocas Lingüísticas**”. In: Bourdieu, P. (1998). A economia das trocas lingüísticas. São Paulo, Edusp, 1980.

CASTORINA, José Antônio; FERREIRO, Emilia; LERNER, Delia; OLIVEIRA, Marta Kohl. Piaget. Vygotsky: *novas contribuições para o debate*. São Paulo: Ática, 2000.

COLELLO, Sílvia M. Gasparian **A Pedagogia da Exclusão no Ensino da Língua Escrita** s/d. Disponível em : <<http://www.hottopos.com/videtur23/silvia.htm>> pesquisado em 22/04/05.

FERNANDES, Nohad Mouhanna – **Concepções de Linguagem e o Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa – Inter estudos – Disponível em :** <www.interletras.com.br/inter_estudos/concepcoes.htm> pesquisado em 11/03/05.

GERALDI, João Wanderley; **Portos de Passagem**. SP. Martins Fontes, 3ª ed.1995

_____, João Wanderley, (org) – **O texto na sala de aula** SP. Ática, 1986.

_____, João Wanderley - **Concepções de linguagem e ensino de português**. In: O texto na sala de aula; leitura e produção. Cascavel, Assoeste.1984.

_____, João Wanderley – **Linguagem e Ensino: Exercícios de militância e Divulgação**. Campinas, SP, 1996

GUIMARÃES, Eduardo - **Os Estudos Sobre Linguagens Uma História das Idéias** – 2001. Disponível em - <http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling14.htm> pesquisado em 15//02/2005.

GROTTA, Ellen C.B. **Processo de formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida** / Dissertação de mestrado - Campinas - Unicamp, 2000.

JOBIM E SOUZA, Solange **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamim** – Campinas SP. 1994

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993

LIMA, Paula Carolina – **Inclusão dos alunos com necessidades especiais nas salas de ensino regular: Um estudo sobre o que pensam os professores**. Trabalho de Conclusão de Curso, Unicamp, Campinas SP. 2004

OLIVEIRA, Marta Kohl de, Vygotsky. **Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: editora Scipione, 1995.

PARASURAMAN (1991) apud Chagas, Anivaldo Tadeu Roston **Administração On Line Prática - Pesquisa – Ensino**, ISSN 1517-7912, Volume 1 - Número 1 janeiro/fevereiro/março - 2000.

SOARES, Magda – **Linguagem e Escola Uma Perspectiva Social**. SP. Ática 1986

SOUZA, Sônia R. F.; “ **A Experiência Da Formação Na Formação De Professores: Um Olhar A Partir Da Reflexão Da Professora Alfabetizadora**. Disponível em <<http://www.anped.org.br/25/excedentes25/soniareginafernandest08.rtf>> pesquisado em 08/06/2005.

SMOLKA, Ana L. B. et. al. (1989) **A atividade da leitura e o desenvolvimento das crianças: considerações sobre a constituição de sujeitos leitores** In: *Leitura e desenvolvimento da linguagem*. Porto Alegre. Mercado Aberto

VYGOTSKY, L.S **Pensamento e Linguagem**. Tradução de Jéferson Luiz Camargo. SP. editora Martins Fontes, 2ª ed.1989

ZACCUR, Edwiges. (org) **A Magia da linguagem**. RJ. DP&A, 2001.